



**ANÁLISE DO PERFIL E EXPERIÊNCIAS DE BOLSISTAS DE EXTENSÃO NO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC XII/UNEB**

***ANALYSIS OF THE PROFILE AND EXPERIENCES OF EXTENSION
SCHOLARSHIPS IN THE DEPARTMENT OF EDUCATION – DEDC XII/UNEB***

***ANÁLISIS DEL PERFIL Y EXPERIENCIAS DE BECAS DE EXTENSIÓN EN EL
DEPARTAMENTO DE EDUCACIÓN – DDEC XII/UNEB***

Lucimara dos Santos¹

Tatyanne Gomes Marques²

Resumo: O estudo objetivou conhecer o perfil e as experiências de estudantes bolsistas que participaram dos projetos de extensão no período de 2019 e 2021 no Departamento de Educação – DEDC XII/UNEB, a fim de identificar a presença/ausência de estudantes negros/as. A pesquisa de abordagem qualitativa trilhou um caminho metodológico com a utilização dos seguintes instrumentos de pesquisa: levantamento de dados dos projetos junto ao Núcleo de Pesquisa e Extensão do DEDC XII/UNEB e questionário com questões fechadas e abertas aos bolsistas, distribuídos nos quatro cursos ofertados pela Instituição (Pedagogia, Enfermagem, Educação Física e Administração). Os dados apontam que não houve mudanças significativas nos perfis dos/as estudantes que participaram dos projetos de extensão nos dois ciclos (2019 e 2021). Percebe-se, portanto, que a maioria dos/as estudantes de extensão são negros/as (autodeclarados pretos e pardos), mulheres, jovens, solteiras/os, não possuem filhos, possuem religião, não têm nenhuma deficiência, egressas/os de escolas públicas, oriundas/os do campo, filhos/as de pais/mães trabalhadores/as que vivem das atividades de baixo poder econômico cuja renda familiar é de até 2 salários mínimos, sendo os primeiros, dentro de uma história familiar marcada pela pobreza, que conseguiram chegar à universidade pública, ingressaram na Instituição pela reserva de vagas. Este estudo conclui que a extensão é lugar de estudantes negros/as, todavia, dentro desta categoria há uma disparidade, sendo os/as pardos em maior quantitativo em relação aos bolsistas pretos/as, estes/as, inclusive, estão em menor número que os/as bolsistas autodeclarados brancos.

Palavras-chave: Estudantes negros/as. Ensino superior. Acesso de negros/as na UNEB. Bolsistas de extensão.

¹Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Bahia. Guanambi, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5834-3089> E-mail: lucimaradossantos2121@outlook.com

²Pedagoga. Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade do Estado da Bahia DEDC XII/UNEB, Guanambi, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3076-3220> E-mail: tmarques@uneb.br

Abstract: *The study aimed to understand the profile and experiences of scholarship students who participated in extension projects in the period 2019 and 2021 at the Department of Education – DEDC XII/UNEB, in order to identify the presence/absence of black students. The qualitative approach research followed a methodological path using the following research instruments: collecting data from projects at the Research and Extension Center of DEDC XII/UNEB; and a questionnaire with closed and open questions for 41 students identified as scholarship holders, distributed across the four courses offered by the institution (Pedagogy, Nursing, Physical Education and Administration). The data shows that there were no significant changes in the profiles of students who participated in extension projects in the two cycles (2019 and 2021). It is clear, therefore, that the majority of extension students are black (self-declared black and brown), women, young, single, do not have children, have a religion, do not have any disability, graduates from public schools, coming from the countryside, children of working parents who live in low-income activities whose family income is up to 2 minimum wages, being the first, within a family history marked by poverty, Those who managed to get to the public university entered the institution through reserved places. This study concludes that the extension is a place for black students, however, within this category there is a disparity, with brown students being more numerous compared to black scholarship holders. These are even fewer in number than the self-declared white scholarship holders.*

Keywords: *Black students. University education. Access for black people at UNEB. Extension scholarship holders.*

Resumen: *El estudio tuvo como objetivo conocer el perfil y las experiencias de los estudiantes becados que participaron de proyectos de extensión en el período 2019 y 2021 en el Departamento de Educación – DEDC XII/UNEB, con el fin de identificar la presencia/ausencia de estudiantes negros. La investigación con enfoque cualitativo siguió un camino metodológico utilizando los siguientes instrumentos de investigación: recolección de datos de proyectos del Centro de Investigación y Extensión del DEDC XII/UNEB; y un cuestionario con preguntas cerradas y abiertas a 41 estudiantes identificados como becarios, distribuidos en las cuatro carreras que ofrece la institución (Pedagogía, Enfermería, Educación Física y Administración). Los datos muestran que no hubo cambios significativos en los perfiles de los estudiantes que participaron de proyectos de extensión en los dos ciclos (2019 y 2021). Es claro, por tanto, que la mayoría de los estudiantes de extensión son negros (autodeclarados negros y pardos), mujeres, jóvenes, solteros, no tienen hijos, tienen religión, no tienen ninguna discapacidad, egresados de escuelas públicas, de del campo, hijos de padres/madres trabajadores que viven en actividades de bajo poder económico cuyos ingresos familiares son de hasta 2 salarios mínimos, siendo los primeros, dentro de una historia familiar marcada por la pobreza, quienes lograron llegar a la universidad pública ingresaron a la institución a través de plazas reservadas. Este estudio concluye que la extensión es un lugar para estudiantes negros, sin embargo, dentro de esta categoría existe una disparidad, siendo los estudiantes morenos más numerosos en comparación con los becarios negros. Estos son incluso menos numerosos que los autoproclamados becarios blancos.*

Palabras clave: *Estudiantes negros. Enseñanza superior. Acceso de personas de raza negra a la UNEB. Becarios de extensión.*



Introdução

Este estudo tem como objetivo conhecer o perfil e as experiências de estudantes bolsistas de extensão no Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), XII *Campus* de Guanambi – DEDC XII/UNEB sobre a presença/ausência de estudantes negros/as. Tivemos o intuito de mapear quem eram esses sujeitos que participam das atividades extensionistas, a que grupo social estão vinculados e, principalmente, qual o perfil racial deles.

Para responder às questões propostas, elencamos como objetivos específicos: identificar os projetos de extensão desenvolvidos no DEDC XII/UNEB durante os anos de 2019, 2020 e 2021; descrever o perfil de seus/suas respectivos/as bolsistas, buscando, sobretudo, verificar a presença/ausência de estudantes negros/as (pretos e pardos) e analisar as experiências dos/as monitores/as na condição de bolsistas de extensão. Esta pesquisa foi realizada em dois períodos distintos a partir da análise dos editais de extensão nº 020/2020 e nº 013/2021. Nesse sentido, a pretensão para este estudo foi comparar os dados dos perfis dos/as bolsistas dos dois ciclos.

Esta pesquisa centrou-se na política de cotas da UNEB, porque esta Universidade é pioneira na implantação das cotas para acesso à graduação e à pós-graduação. Assim sendo, passados quase 20 anos dessa política institucional, o estudo busca conhecer os desdobramentos desta iniciativa em um dos eixos das dimensões da universidade – a extensão. Isso se faz necessário, uma vez que estudantes do *Campus XII*, situado no município de Guanambi, na Bahia, a partir dos discursos como: “Preto também quer ser bolsista”, questionam os lugares ocupados na política de bolsas na Instituição.

Metodologia

Por este estudo dispor-se a conhecer o perfil e as experiências de estudantes bolsistas de extensão no Departamento de Educação – DEDC XII/UNEB sobre a presença/ausência de estudantes negros/as, decidimos por realizar uma pesquisa de campo numa abordagem qualitativa, visto que, de acordo com Minayo (2002, p. 51), esse tipo de pesquisa “[...] se apresenta com uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. Desse modo, torna-se possível entender um fenômeno em profundidade,



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 20, p. 215-237, jul./dez. 2023.

DOI: 10.22481/recuesb.v11i20.13875

ISSN 2319-0566

pois faz-se necessário um contato direto do/a pesquisador/a com o objeto estudado, já que exige a ida ao ambiente e isso permite criar um vínculo profundo com o universo que será observado.

Nesse sentido, buscamos ter um retrato dos/as graduandos/as que têm acesso às bolsas de extensão no DEDC XII/UNEB durante o período de 2019, 2020 e 2021, de modo a compreendermos em que medida os/as estudantes negros/as (categoria que inclui pretos e pardos), estão de fato ocupando lugares considerados de privilégio. Para a posse desses dados, utilizamos questionários com questões abertas e fechadas sobre o perfil sociodemográfico dos/as bolsistas. De acordo com Gil (1999, p. 128), essa técnica de investigação tem por objetivo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Dito isto, este trabalho é resultado da pesquisa de Iniciação Científica (IC) desenvolvida ao longo de três anos, isto é, em dois períodos distintos no DEDC XII/UNEB, referente aos editais nº 020/2020 e nº 013/2021. A questão central foi conhecer o perfil e as experiências de estudantes bolsistas de extensão no Departamento de Educação – DEDC XII/UNEB sobre a presença/ausência de estudantes negros/as. Este objetivo decorre das indagações provocadas a partir de discursos de reivindicação dos/as estudantes do DEDC XII/UNEB, questionando os lugares ocupados pelos/as pretos/as na Instituição, por meio de cartazes afixados nas paredes com o seguinte discurso “Preto também quer ser bolsista”.

Para obter os resultados da pesquisa de campo, no primeiro momento, realizamos levantamento no Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) para se ter acesso aos dados dos/as monitores/as que atuaram nos projetos extensionistas durante os anos de 2019, 2020 e 2021.

Tendo em vista que os dados fornecidos pelo NUPE, no que tangem ao ano de 2019, não incluíam o contato dos/as estudantes bolsistas, para chegar a eles/as, utilizamos da técnica bola de neve.³

Vale ressaltar que o processo de busca e aplicação dos questionários foi realizado online, já que, no período da pesquisa, estávamos enfrentando a pandemia decorrente da COVID-19. No que se refere ao semestre do Período Especial de Oferta de componentes curriculares por mediação tecnológica – PEO 2020, constatamos que não houve participação

³ A referida técnica é utilizada em pesquisas sociais em que os/as participantes de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”) (BALDIN; MUNHOZ, 2011). No caso deste estudo, a técnica foi importante para termos o contato dos/as estudantes bolsistas.



de monitores/as bolsistas. No tocante ao ano de 2021, identificamos 24 estudantes bolsistas de extensão. Vale salientar que dos(as) 24 estudantes bolsistas de extensão do *Campus XII/UNEB*, contamos com a participação de 22, já que 2 não aceitaram participar da pesquisa.

O NUPE do DEDC XII/UNEB forneceu os dados completos dos/as monitores/as bolsistas que atuaram em 2021 (*e-mail*, número de telefone), o que facilitou o contato com eles/as. Na segunda etapa, então, fez-se o contato via telefone e mensagens de *WhatsApp*. Em seguida, começamos com uma conversa mais informal, um bate-papo, para depois comunicar o motivo pelo qual estávamos dialogando. Nesse contexto, apresentamos o objetivo e a importância de se realizarem pesquisas desse tipo assim como a relevância da participação de cada um nesta pesquisa.

Embora tenham alegado dificuldades pela falta de tempo, obtivemos 41 participações dos/as 44 bolsistas identificados/as. Desse quantitativo, 19 participaram das atividades extensionistas no ano de 2019 e 2022 referente a 2021. Isto feito, utilizamos um questionário com questões fechadas e abertas com 41 bolsistas distribuídos nos quatro cursos de graduação ofertados pela Instituição: Pedagogia, Educação Física, Administração e Enfermagem. Desses/as estudantes bolsistas de extensão, 18 são graduandas/os do curso de Enfermagem; 15 são graduandas/os do curso de Pedagogia; 9 do curso de Educação Física e 2 do curso de Administração.

Projetos de extensão desenvolvidos no DEDC XII/UNEB: uma análise a partir dos editais de 2019 a 2021

O levantamento das monitorias que atendem aos projetos de extensão desenvolvidos na DEDC XII/UNEB, nos anos de 2019 a 2021, está apresentado no Quadro 1 a seguir:



Quadro 1 – Monitoria de extensão do DEDC XII/UNEB – 2019, 2020 e 2021

Cursos	2019	2020	2021
Enfermagem	8	8	10
Pedagogia	5	6	9
Educação Física	5	5	4
Administração	1	2	1
Técnica	1	1	-
Total	20	22	24

Fonte: Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão (NUPE/DEDC XII/ UNEB).

De acordo com o Quadro 1, houve um avanço considerável no número de projetos ofertados nos cursos de Enfermagem e Pedagogia. Em relação ao curso de Enfermagem nos anos de 2019 e 2020, o quantitativo de 8 projetos permanecem, percebemos um aumento de 2 bolsas no ano de 2021. Já a licenciatura em Pedagogia, obtivemos um crescimento referente aos três ciclos, aumentando de 5 bolsas para 6 em 2020, esse somatório cresce significativamente para 9 em 2021. No tocante ao curso de Educação Física constamos que não houve aumento nos três anos, inclusive em 2021 ocorreu uma queda no número de projetos ofertados alterando-se de 5 para 4. No que tange ao curso de Administração, notamos que este curso tem sido o que menos desenvolve a extensão no *campus* XII, com o quantitativo de ofertas consideravelmente baixo, 1 bolsa, vimos o acréscimo de mais 1 bolsa em 2020, porém logo em seguida esse número diminui permanecendo a oferta de apenas 1 projeto. Tivemos também a participação de uma funcionária terceirizada em que desenvolveu um projeto em 2019 e 2021.

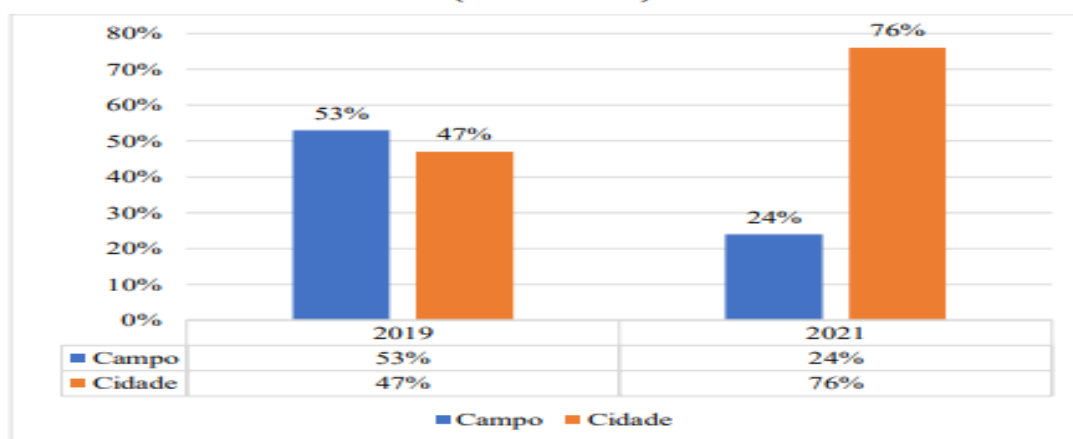
Diante dos dados expostos, podemos afirmar em termos de projetos por distribuição por cursos, que o bacharelado em Enfermagem tem sido o que mais desenvolveu atividades extensionistas no *campus* XII, seguido pela licenciatura em Pedagogia, referente aos três anos. Em seguida, temos a licenciatura em Educação Física e o bacharelado em Administração demonstrando, mediante quantitativo de ofertas, o baixo número de projetos disponibilizados na Instituição. No entanto, vale ressaltar que houve um aumento no número de ofertas de projetos de extensão nos três ciclos.



Perfil de estudantes bolsistas de extensão no DEDC XII/UNEB: uma análise a partir dos editais de 2019 a 2021

Buscamos conhecer e analisar o perfil dos/as estudantes que atuaram como bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB nos anos de 2019 a 2021, conforme algumas categorias (idade, cor/raça, local de moradia, pertencimento religioso, situação familiar, trabalho, escolaridade e profissão dos/as pais/mães). Vejamos no Gráfico 1 os dados referentes à origem dos/as bolsistas de extensão que atuaram no DEDC XII/UNEB no ano de 2019 e 2021.

Gráfico 1- Local onde residem os/as bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários (2021 e 2022)

Pelo que se observa no Gráfico 1, no tocante ao ano de 2019, dos/as 19 bolsistas que responderam ao questionário, 53% são provenientes do campo e 47% residem na cidade. Esse dado demonstrou a presença dominante de estudantes residentes no campo nas atividades de extensão do *Campus* XII/UNEB em 2019. Esse quantitativo muda em 2021, do somatório de 22 bolsistas, 76% são oriundos da cidade e 24% moram no campo. Notamos que o número de estudantes do campo reduziu em 2021, em consequência disso, houve um aumento no número de estudantes que se autodeclararam residir na cidade.

O somatório de estudantes do campo atuando na extensão revelou que, mesmo diante das dificuldades de saírem das suas casas para se deslocarem para a Instituição, eles/elas quebraram barreiras para acessar o ensino superior. Nesse sentido, Marques afirma:

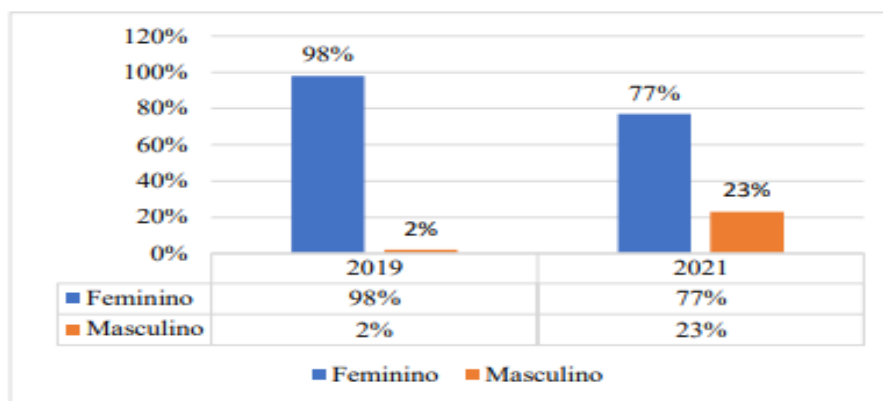


[...] os números levantados evidenciam uma distância entre o discurso da universidade inclusiva e popular e a realidade, uma vez que do universo de 30.029 estudantes matriculados em 2015 nos 212 cursos de graduação ofertados pela instituição situada no estado com a maior população rural do Brasil, foram identificados/as apenas 1.431 universitários/as cujos endereços de moradia são de comunidades rurais. (MARQUES, 2019, p. 53)

A autora ainda ressalta que o DEDC XII, contexto desta pesquisa, é o segundo maior Departamento em número de matrículas de estudantes rurais na UNEB. De acordo com esse dado, há uma disparidade entre a proporção numérica dos/as graduandos/as oriundos do campo ocupando a extensão em relação ao quantitativo desses discentes na graduação. Este dado se mostra como relevante quando analisamos o perfil de bolsistas de extensão. O que parece permitir sua participação na extensão é o fato de muitos/as usarem o suporte da residência universitária e morarem na mesma cidade do *Campus*.

Isto posto, vejamos no Gráfico 2 os registros dos dados relativos ao sexo dos/as estudantes bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB:

Gráfico 2- Sexo/gênero dos/as estudantes bolsistas de extensão no DEDC XII/UNEB (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários (2021 e 2022).

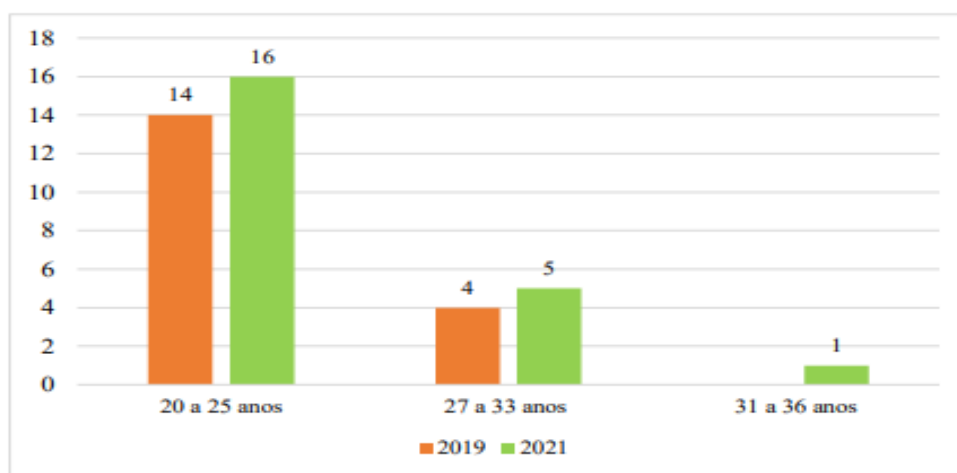
Pelos dados apresentados no Gráfico 2, podemos observar que, as mulheres são maioria nos dois ciclos. Em 2019, dos/as 19 estudantes participantes desta pesquisa, 98% são do sexo feminino e apenas 2% do sexo masculino. Notamos que houve um aumento do público masculino nas atividades extensionistas em 2021, somando-se 23%, entretanto o número de mulheres permanece maior, são 77% nos dois anos.



Fato justificável considerando-se o crescimento da participação das mulheres em cursos de graduação, conforme afirma Marques (2019), que, com base no levantamento realizado sobre a presença da juventude do campo nos cursos ofertados na UNEB, constatou que as mulheres compõem um expressivo número no acesso ao ensino superior, afirmando que dos 1.472 estudantes matriculados no ano de 2015, 77% são mulheres.

Esses dados revelam que essa maior proporção de mulheres reverbera na participação nos projetos ofertados pela Instituição. Ou seja, como há uma presença expressiva de mulheres cursando a graduação, que também são predominantes nos projetos de extensão. A faixa etária foi outro dado analisado, conforme podemos observar no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3- Faixa etária dos/as bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários (2021 e 2022)

No que concerne à faixa etária dos/as estudantes bolsistas que atuaram nos projetos de extensão em 2019 e 2021, notamos um perfil de um grupo jovem, conforme enuncia o Gráfico 3. Temos assim, em 2019, dos/as 19 participantes desta pesquisa, 14 que se encontram na faixa etária entre 20 a 25 anos de idade; 4 entre 27 e 33 anos e apenas 1 que está acima de 31 anos de idade. Em relação ao ano de 2021, percebemos um aumento no número de estudantes na faixa etária entre 27 a 33 anos de idade, alterando-se de 2, em 2019, para 5, entretanto os/as discentes com idade entre 20 e 25 anos permanecem sendo maioria nas atividades extensionistas, visto que do quantitativo de 22 bolsistas, 16 estão nessa faixa etária.



Desse modo, notamos um baixo número de estudantes maduros nos projetos de extensão no DEDC XII/UNEB. Quando fazemos a análise do perfil dos/as bolsistas de extensão quanto à faixa etária associada a outras condições, constatamos que são jovens, solteiros/as, que não têm filhos/as. Sendo assim, dispõem de situações que possibilitam a dedicação às diferentes dinâmicas da vida acadêmica, isto é, tempo para as aulas, para a extensão e a pesquisa. De acordo com os dados do Plano Nacional de Educação (PNE), na Meta 12 (BRASIL, 2014), o recorte etário esperado para a graduação é de 18 a 24 anos, idade considerada como o tempo da juventude.

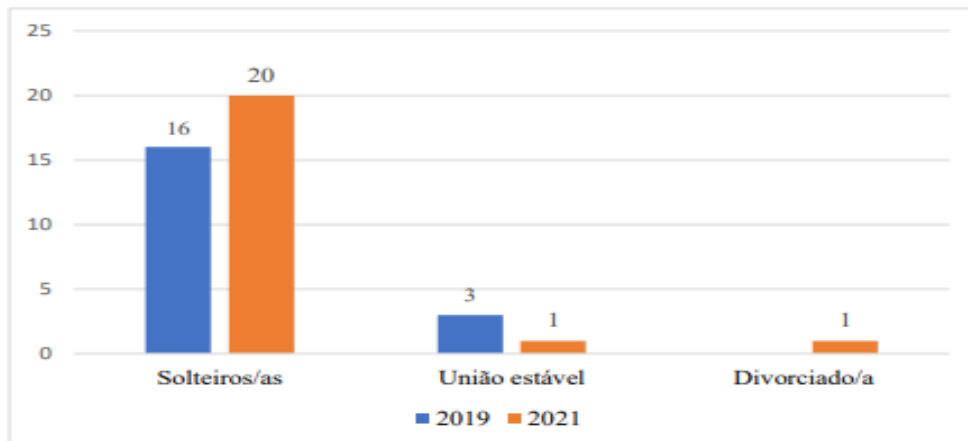
Percebemos que a maioria dos/as bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB está nessa faixa etária. Esse dado leva a refletir sobre as condições de acesso e permanência no ensino superior de pessoas que não se enquadram nesse perfil. Assim, questionamos: como estudantes adultos/as vivenciam a experiência universitária? Têm condições de articular ensino, pesquisa e extensão durante sua formação?

Alguns estudos já realizados no DEDC XII/UNEB, tais como Aguiar e Paes (2018) e Muniz (2020), sinalizam a presença de estudantes que são mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras. Essas mulheres desempenham uma dupla e, por vezes, tripla jornada de trabalhos. Desse modo, para prosseguir com os estudos, faz-se necessário conciliar a vida acadêmica, os afazeres domésticos, a maternidade e também o emprego fora do lar. Sobre essa sobrecarga, as pesquisadoras Aguiar e Paes (2018) enxergam uma imposição às mulheres, fruto do patriarcado que ainda se faz presente. Devido a isso, torna-se um grande desafio para que esse público exerça seus papéis de estudantes ativas, participantes do tripé da Universidade, que é a pesquisa, ensino e extensão. Outros estudos como o de Muniz (2020) revelam que os sujeitos que compõem a Educação de Jovens e Adultos EJA, em maior parte é formada por trabalhadores/as, pessoas do campo e/ou desempregados/as, que precisam de políticas públicas, programas de inclusão e permanência para ingressar no ensino superior.

Outro dado analisado é sobre o estado civil dos/das bolsistas, conforme podemos observar no Gráfico 4.



Gráfico 4 – Estado civil dos/as bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários (2021 e 2022)

De acordo com o Gráfico 4, percebe-se que, em 2019, dos/as 19 estudantes participantes desta pesquisa, 16 bolsistas afirmaram ser solteiros/as, 3 vivem em união estável. Há aqui a presença majoritária de monitores/as solteiros/as. Quanto ao ano de 2021, segundo os dados, ocorreu um aumento expressivo no quantitativo de estudantes autodeclarados solteiros, pois dos/as 22 colaboradores/as nesse período, 20 assim se definiram, em vista disso, houve uma queda no número de estudantes casados.

Este dado dialoga quanto ao vínculo maternidade/paternidade dos/as participantes referentes aos dois anos de 2019 e 2021 que contam com o percentual de somente 24% quanto ao casamento e filhos. Em relação aos/às demais pesquisados/as, 66% informaram não ter filhos/as e nem serem casados/as.

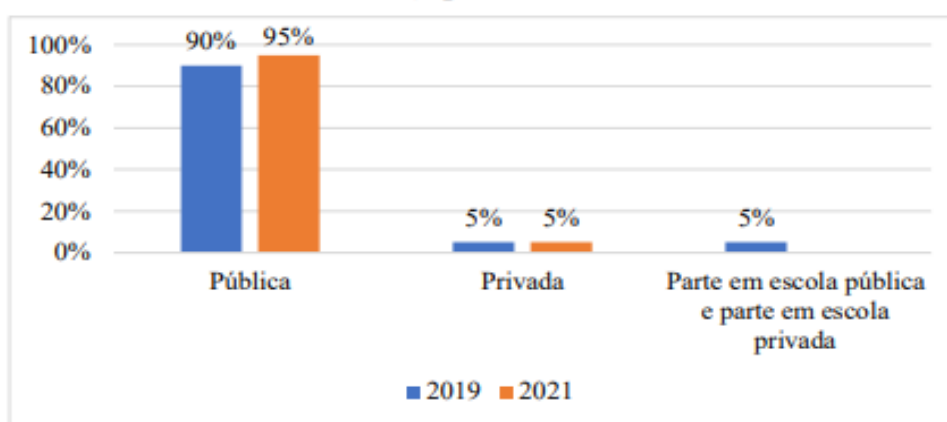
Ponderamos que a soma do matrimônio e maternidade compreende uma sobrecarga que dificulta a participação em atividades de extensão que, na maioria dos projetos, funciona no contraturno das aulas. Se tomarmos como base os dados referentes à participação de mulheres nos projetos de extensão apresentados no Gráfico 2, é relevante tratarmos dessa questão por denotar que mulheres que são casadas e têm filhos, possivelmente, encontrarão maiores dificuldades para disponibilizar tempo e arcar com outras demandas para além do ensino na sala de aula. A esse respeito, em pesquisa realizada no *Campus XII/UNEB*, contexto deste estudo, Aguiar e Paes (2018, p. 63) evidenciaram que esse público “Não realiza assim um trabalho completo em nenhum cenário, é como se estivesse a todo o momento dividido e esperando a oportunidade de sair de uma tarefa para cumprir a próxima [...]”. Isto porque, em



nossa construção social, são/somos as maiores responsáveis pelo cuidado das crianças e do lar, independente de estudar ou trabalhar. A participação em um projeto de extensão configura, assim, a soma de mais uma carga horária de responsabilidades. Logo, visualizamos maior atuação de mulheres solteiras na condição de bolsistas de extensão no DEDC XII/ UNEB.

Além disso, consideramos importante conhecer também a origem escolar desses/as estudantes. Vejamos o Gráfico 5.

Gráfico 5- Caracterização dos/as bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB (2019 e 2021) quanto à escolarização



Fonte: Dados dos questionários (2021 e 2022)

Diante dos dados apresentados no Gráfico 5, em 2019, vemos que 90% dos 19 estudantes participantes deste estudo são oriundos de escolas públicas; 5% provenientes de instituições privadas e 5% estudaram parte do seu percurso escolar em escolas públicas e particulares. Com relação a 2021, notamos um crescimento de estudantes ingressantes de escolas públicas, 95% do quantitativo de 22 bolsistas que responderam ao questionário. Ao que nos parece, decorre da diminuição de bolsistas que transitaram entre as duas modalidades, conforme vimos em 2019, já que em 2021 não houve a participação de monitores nessa condição.

Esses dados demonstram que sendo parte considerável dos/as bolsistas sendo oriundos/as do campo, estes precisaram se deslocar das suas localidades para estudar na cidade. Sobre esse deslocamento, Marques (2019) questiona a ausência e fechamento das escolas no



campo, sendo necessário que esse público saia do campo para estudar na cidade. A pesquisadora afirma que esse fator é resultado da negação do direito à escola nas próprias comunidades.

Um outro aspecto importante a ser destacado é a caracterização das ocupações profissionais dos pais e mães dos/as bolsistas de extensão. A maior concentração de pais e mães por tipo de profissão está na categoria de lavrador (18 ao todo), fato que ratifica a ideia de que a profissão da maioria dos pais/mães dos/as estudantes bolsistas atuantes em 2019 e 2021, desenvolviam atividades vinculadas ao campo. Com relação ao perfil profissional dos pais/mães dos/as bolsistas provenientes da cidade, temos pais/mães que desempenham a função de pedreiro, diarista, empregada doméstica, costureira, cabelereira, agente comunitária, funcionária pública, professora e técnica em enfermagem. Como se vê, prevalecem no geral atividades que têm uma baixa remuneração, ou seja, são profissões que geralmente estão vinculadas às classes econômicas de baixo poder aquisitivo. Esses dados demonstram as condições econômicas, sociais e culturais dos/as estudantes.

Ao analisar o perfil de acesso e permanência de jovens mulheres do campo na UNEB⁴, Marques (2019, p. 120) afirma que “Como uma das categorias que caracteriza as jovens da roça é sua condição de classe, ou seja, são filhas de trabalhadores e trabalhadoras rurais e não de fazendeiros, essa situação contingencia suas possibilidades de acesso e permanência no Ensino superior.” Com base em tais apontamentos, percebemos que o contexto sociocultural e econômico dos/as estudantes, na maioria das vezes, determina o acesso e permanência desse público na universidade. Esse fator também dificulta a realização de uma formação com qualidade e impede que ocorra dedicação exclusiva aos estudos, visto que muitos/as estudantes precisam trabalhar para conseguir se manter no curso de graduação. Essas situações, na maioria das vezes, são impeditivas da atuação na extensão e na pesquisa.

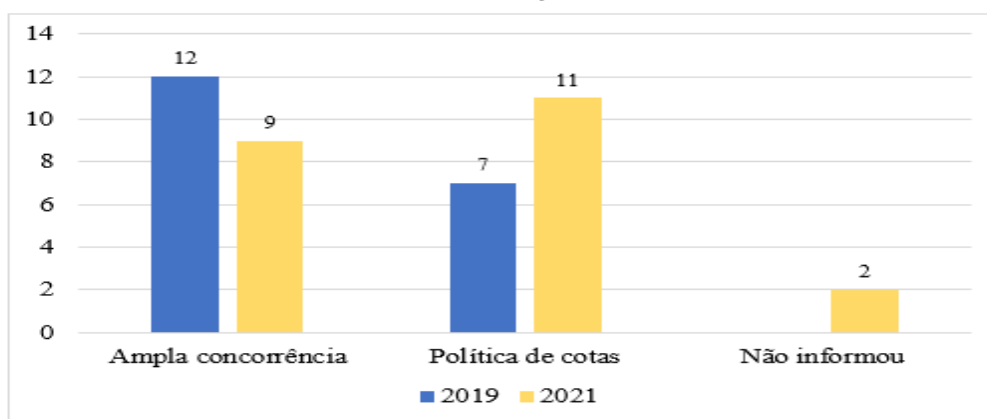
No levantamento sobre a renda familiar mensal das famílias dos/as estudantes, os/as bolsistas de extensão dos anos 2019 e 2021 informaram que a soma total dos rendimentos da sua família não ultrapassa 2 salários mínimos. Semelhante a esta pesquisa, Marques (2019, p. 123), ao analisar o perfil das jovens do campo, constatou que “De fato, ainda é contrastante ser pobre, negra e da roça no Ensino Superior brasileiro onde as chances de acesso é maior para mulheres, brancas, com renda familiar *per capita* superior a 3 salários mínimos, moradoras das regiões Sul e Sudeste, em situação domiciliar urbana”.

⁴ Marques (2019) entrevistou 17 mulheres de diversos *campi* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).



No que se refere à modalidade de acesso à universidade dos/as estudantes bolsistas que atuaram durante o período de 2019 e 2021 nos projetos de extensão no DEDC XII/UNEB, vejamos os dados no Gráfico 6.

Gráfico 6: Formas de acesso dos/as estudantes bolsistas de extensão no período de (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários 2019 e 2021.

No que tange aos dados referentes ao ano de 2019, do quantitativo de 19 monitores/as, 12 estudantes concorreram às vagas destinadas à ampla concorrência; 7 bolsistas informaram ter acessado à UNEB por meio do sistema de cotas. Podemos constatar que a maior parte dos estudantes que atuaram como bolsistas de extensão, nesse período, no DEDC XII, ingressou na Instituição por ampla concorrência. Podemos fazer essa inferência por duas perspectivas: a primeira se justifica pelo fato de que os/as estudantes desconheciam a política de cotas e a outra opção é que, embora conhecessem e estivessem incluídos nos parâmetros exigidos para a inserção via Lei de Cotas, optaram por não utilizar essa política devido à estigmatização negativa dado que os/as ingressantes dessa política são vistos como incapazes e usurpadores/as de vagas (JESUS, 2021).

Diferentemente do ano 2019, conforme podemos observar no Gráfico 6, em 2021, do somatório de 22 estudantes que aceitaram participar desta pesquisa, 9 acessaram a UNEB pela ampla concorrência e 2 monitores/as não informaram. Conforme demonstram os dados, a maioria deles/as ingressou na Instituição por meio do sistema de cotas, no total de 11. Notamos que houve um crescimento no número de estudantes que acessaram a Instituição pelas reservas de vagas no ano de 2021. Isso demonstra que as pessoas passaram a conhecer a existência dessa



política e também se reconhecerem pertencentes da identidade negra e sujeitos de direitos das políticas de ações afirmativas nas universidades no Brasil. Assim, como afirma Jesus, é notório que:

[...] se a emergência das políticas de cotas tem possibilitado que os sujeitos fenotipicamente negros que, ao longo da vida, se autoidentificaram como não negros passem a reconhecer e valorizar seus traços negros, dando início ao processo de torna-se negro”, posso dizer que as Políticas Afirmativas cumpriram seu papel. (JESUS, 2021, p. 132)

Ações afirmativas não se restringem apenas à disputa em torno da ocupação das vagas na Universidade, mas é uma disputa também em torno de projetos de nação. A emergência das políticas afirmativas talvez provoque, pela primeira vez na história brasileira, um sentimento de alguma positividade em se reconhecer ou declarar-se negro.

O perfil racial de estudantes bolsistas de extensão no DEDC XII/UNEB: não lugar para pretos/as

Esta pesquisa se propôs a analisar os lugares e não-lugares de estudantes negros/as na graduação na UNEB, a partir da distribuição de bolsas de extensão. Desse modo, indagamos qual o perfil racial de estudantes bolsistas na UNEB? Onde estão os/as negros/as? Estudantes negros/as são bolsistas? Que lugares e não-lugares ocupam na universidade? Para responder a essas questões, realizamos uma análise comparativa dos dados dos perfis dos/as bolsistas dos dois ciclos referentes ao Edital nº 20/2020 e ao Edital nº 013/2021 no DEDC XII/UNEB.

Nesta pesquisa, partimos da premissa que o não-lugar se refere “à qualidade negativa do lugar, ou seja, do lugar negado [...]” (MARQUES, 2019, p. 228). Em concordância com esse pensamento, temos em Augé (2012, p. 79) a seguinte afirmação: “Quando Michel de Certeau fala em ‘não lugar’ é para fazer alusão a uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo que lhe impõe o nome que lhe é dado”. Nesse sentido, inferimos que, quando estudantes pretos/as afirmam que “querem” ser bolsistas, não são. Partimos do pressuposto da pouca presença de discentes pretos e pretas retintas na condição de bolsistas de extensão, compreendemos que esse lugar tem se revertido em um lugar negado, ou seja, um espaço não ocupado.

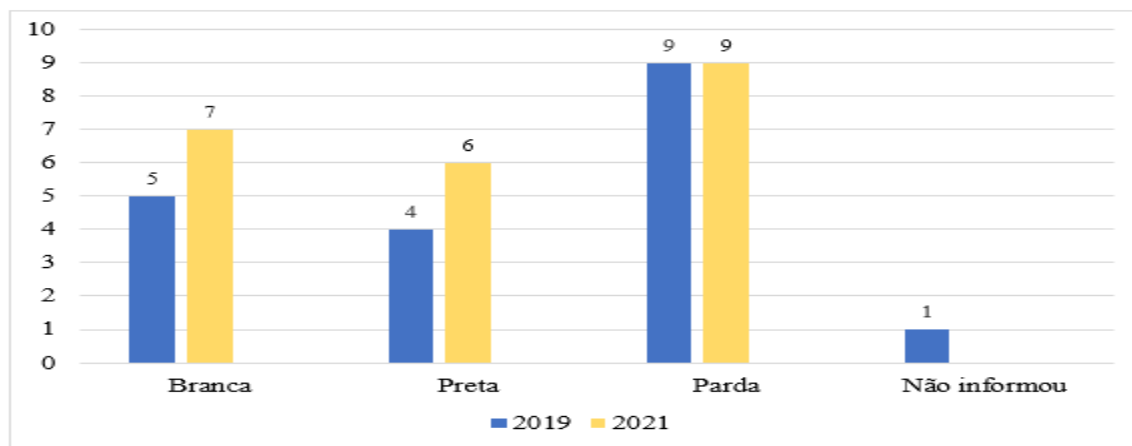
O questionário utilizado como instrumento para coleta de dados solicitou que os/as bolsistas de extensão do *Campus XII/UNEB* se autodeclarassem em relação à raça/cor. Ressaltamos que a pergunta do questionário aplicado sobre essa categoria foi uma questão



aberta para que os/as estudantes, de fato, fizessem a autodeclaração. Nesse sentido, autores/as como Osorio (2013) e Oliveira (2004) apontam que a autoatribuição, mesmo tendo sua porcentagem de erros e limitações, é a mais adequada, visto que os próprios sujeitos têm a liberdade de definir o modo como se percebem racialmente.

Assim, a partir das respostas dadas pelos/as monitores/as bolsistas dos projetos desenvolvidos no DEDC XII/UNEB em 2019 e 2021, analisamos a presença/ausência de discentes negros/as na condição de monitores/as de extensão. Vejamos os dados descritos no Gráfico 7.

Gráfico 7- Distribuição dos bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB por raça/cor em (2019 e 2021)



Fonte: Dados dos questionários 2019 e 2021.

No que tange à autoclassificação, o Gráfico 7 mostra as respostas dos/as monitores/as em relação a sua cor/raça, estas estão de acordo com as categorias raciais estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (branca, preta, parda, amarela e indígena). Nesse sentido, temos a seguinte situação: do total de 19 estudantes que atuaram nas atividades extensionistas durante o ano de 2019, 9 se declaram pardos; 5 se declaram brancos; 4 se declaram pretos e apenas 01 não declarou. Somando-se as categorias pretos e pardos, temos o total de 69%. Isto é, a maioria de estudantes bolsistas de extensão no DEDC XII/UNEB em 2019, são negros/as. Em relação ao ano de 2021, percebe-se que o número de estudantes autodeclarados pardos não mudou. Notamos um crescimento no quantitativo de bolsistas brancos/as e pretos/as, entretanto estes mantêm-se abaixo quando comparado com os brancos/as e pardos nos dois anos. Os dados se repetem em 2021, do quantitativo de 22 bolsistas participantes desta pesquisa, 68% são estudantes autodeclarados negros/as.



Podemos constatar que a maioria dos/as estudantes bolsistas de extensão do DEDC XII/UNEB, nos anos de 2019 e 2021, são negros (pretos e pardos). Nesta categoria, percebemos, de modo geral, que a participação dos pretos, 10 ao todo, está abaixo do quantitativo dos brancos, que é de 12, e o número de pardos permanece sendo maioria nos dois ciclos, que são 18.

Nesse aspecto, Osorio (2013, p. 96) ressalta que “[...] é prática de vários pesquisadores e também do movimento social usar a categoria negra para designar o agregado das pessoas que escolhem as cores preta e parda”. Munanga (2020, p 113) também afirma “O conceito de “negro” inclui pretos e pardos numa mesma categoria política construída para beneficiar todas as vítimas do racismo – pretos e pardos -, de acordo com o princípio de que “a união faz a força”. Como podemos perceber a categoria negra estabelece a junção de um grupo que historicamente foi marginalizado. Em virtude disso, são vítimas das desigualdades raciais no nosso país. Por meio da resignificação desse termo, a população negra constrói e reconstrói conceitos/ideias reafirmando a sua identidade, isso resulta de lutas históricas, problematizações, reflexões, coletividade, empoderamento.

Importa ressaltar que compreendemos o ser negro/a como um posicionamento político e o indivíduo que assim se define reconhece a sua ancestralidade africana, ou seja, se faz pertencente a esse grupo social de modo que reafirma suas origens, assim como compartilha dessas raízes com a sociedade (OLIVEIRA, 2004). Isso simboliza um processo de resignificação da identidade, uma vez que, ao longo da história, pessoas negras são marginalizadas, vistas como inferiores. Portanto, autodeclarar como negro/a nesse contexto é um ato de conscientização, é vestir uma bandeira de luta e resistência. Jesus afirma que:

Tal resignificação também parece ter sido capaz de manter uma relação estreita com a experiência acadêmica, à medida que o movimento de se reconhecer negro(a) atravessa os modos de vivenciar e, principalmente, de analisar as experiências, ou ausências de oportunidades, de sociabilidade, de pesquisa, de extensão ou de ingresso na pós-graduação. (JESUS, 2021, p. 28)

As vivências na universidade possibilitam que os/as estudantes negros/as afirmem positivamente sua identidade, superem a dor dos apelidos pejorativos ouvidos durante a infância e colabora para a desconstrução dos estereótipos racistas. A participação em projetos de extensão, eventos, palestras, grupos de estudos e o contato com intelectuais que estudam as



relações étnico-raciais afloram nos/as discentes negros/as o sentimento de pertencimento, contribuindo para aprendizado e criticidade da presença/ausência dos seus pares no ambiente acadêmico.

Conforme vimos no Gráfico 7, embora componha a categoria de negros/as, estudantes pretos/as, estão distantes do número de pardos/as nos dois ciclos. Estes/as estão em menor quantidade, inclusive quando comparados/as aos/as estudantes que se autodeclararam brancos/as.

Assim, como nos diz Gomes (2005), aprendemos a ver o negro como inferior devido a sua aparência física, pois vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa, infelizmente, é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória. Com o advento das políticas de ações afirmativas, o número de acesso das pessoas negras ao ensino superior tem aumentado, no entanto, a universidade tem que se preparar para lidar com esse campo de tensões, de disputas políticas, econômicas e, ao mesmo tempo, precisa aprender a lidar com a heterogeneidade. Nesse viés, Jesus analisa que:

Aos poucos, a comunidade acadêmica começa a reconhecer a importância da diversidade para a produção de um conhecimento que tenha a cara do nosso país, que dialogue com as experiências sociais, raciais, políticas, étnicas, de gênero e diversidade sexual de um conjunto de sujeitos com histórico de desigualdade, discriminação e inviabilização sociorracial. E com histórico de resistência e luta. (JESUS, 2021, p. 13)

Ser negro em um país racista é um desafio enorme. Quanto mais clara for a pele, menos discriminações sofrerá. Sim! Vimos que os/as estudantes negros/as estão ocupando a extensão nos anos de 2019 e 2021 no *campus* XII/UNEB. Contudo, como esta pesquisa demonstra, os/as estudantes pretos/as estão aquém em relação ao número de pardos e brancos. Dizer que os/as pretos/as retintos estão representados porque os pardos estão ocupando determinados lugares é injusto e desigual. Visto que se os/as pretos/as se considerassem representados não existiriam mobilizações do movimento estudantil na referida universidade reivindicando ocupar os espaços privilegiados como os da pesquisa e da extensão.

Dessa forma, mediante análise de Jesus (2021), podemos concluir que os sujeitos pretos retintos sofrem mais opressões e discriminação em relação aos indivíduos pardos, uma vez que o racismo tem como base características observáveis como a cor da pele e o cabelo. Conforme tem evidenciado estudos, pessoas pretas são as mais afetadas pelo desemprego, violência policial e homicídios no Brasil. A aparência é vista como barreira e criminalidade. São



considerados incapazes, inferiores, devido a isso, é preciso demonstrar o tempo todo que são competentes. Pesquisas como as de Bomfim (2008), Cerqueira (2009) e Santos (2012), entre outras, demonstram, por exemplo, que o número de pretos/as no acesso ao ensino superior é inferior ao dos/as estudantes pardos/as. Em síntese, este estudo revela que a extensão é um lugar de negros/as no DEDC XII/UNEB, todavia, não é majoritariamente um lugar de pretos/as.

Experiências na extensão: o que dizem os/as monitores/as do DEDC XII?

Para compreender a percepção dos/as estudantes sobre o ingresso, experiência e importância dos projetos de extensão e da bolsa de monitoria, adotamos no questionário questões abertas de maior profundidade, a fim de trazer o significado das atividades extensionistas e do auxílio que a bolsa exerce para permanência dos sujeitos na Universidade.

No tocante às experiências dos/as bolsistas, eles/elas enfatizaram que foi de muitos aprendizados. As atividades de extensão contribuíram para o amadurecimento enquanto discente; possibilitaram o trabalho em conjunto; favoreceram o desenvolvimento crítico acerca da indissociabilidade teoria/prática e, também, as atividades permitiram que realizassem o Trabalho de Conclusão de Curso a partir da inserção no projeto e abordagem da temática. Algumas das estudantes que denominamos de Cristal e Esmeralda⁵ relatam que:

Foi a partir da participação nos projetos, que tive a oportunidade de me conhecer melhor e pude evoluir como pessoa, tanto pessoal quanto profissionalmente. A partir das vivências nos projetos, que pude ter a certeza de como quero atuar quando me formar, escolhi meu tema de TCC, bem como o professor orientador. (CRISTAL)

[...] os projetos de extensão fomentam em nós, estudantes, a ampliação de possibilidades para além da sala de aula, nos confere a oportunidade de conhecer e exercer cooperativamente o trabalho desenvolvido por uma equipe empenhada em fazer acontecer a educação [...]. (ESMERALDA)

Conforme podemos observar, as falas dos/as entrevistados/as que atuaram tanto em 2019 quanto em 2021 confirmam a importância das atividades extensionistas para a formação crítica e ativa dos/as estudantes na universidade, permitindo também estabelecer um diálogo

⁵ Por cuidados éticos, utilizamos nomes fictícios para os/as participantes da pesquisa.



entre todos os envolvidos no processo. Além disso, contribui no entendimento dos métodos utilizados na prática, oportunizando discernir qual caminho percorrer ao término do curso de graduação.

No que se refere aos significados das atividades extensionistas, os/as estudantes se manifestaram, em linhas gerais, no mesmo sentido. Todos/as citaram sobre a experiência enriquecedora que o projeto oportunizou, destacaram a permanência e o sucesso acadêmico. E, para além disso, ressaltaram o suporte financeiro que a bolsa proporcionou:

[...] Eu, na condição de mãe, dona de casa e estudante universitária, muitas coisas se tornam mais difíceis de conciliar, então, a bolsa meio que me permite uma “independência financeira”. (SAFIRA, bolsista de extensão, 2021)

Diante das falas dos/as bolsistas, sintetizada na narrativa de Safira, é necessário citar as ponderações de Marques (2019, p. 277), ao pontuar a importância das bolsas no percurso acadêmico das estudantes da classe trabalhadora:

[...] as bolsas são suportes materiais importantes para as jovens da roça experienciarem a condição de universitárias. Em todos os casos, elas precisam somar a ajuda familiar, que muitas vezes vem do Bolsa Família ou das aposentadorias dos/as pais/ mães, com as bolsas de assistência estudantil.

Como podemos observar nas narrativas, sem o suporte material, para muitos/as estudantes não seria possível permanecer na Universidade, tendo em vista que a bolsa custeia parte dos gastos como transportes, materiais didáticos, moradia e alimentação. Para além disso, as experiências adquiridas nos projetos extensionistas corroboram para a inserção dos/as estudantes no mercado de trabalho, como foi mencionado pelos/as bolsistas.

Em suma, os relatos demonstraram que as bolsas concedidas aos/às monitores/as garantem a permanência daqueles/as que se encontram em condições de vulnerabilidade socioeconômica, tornando o sonho de conseguir um diploma possível. Nesse sentido, Marques (2019, p. 275-276) explica: “[...] pois permitem que possam experimentar, mesmo com contingências, a condição de estudantes em uma universidade que, sendo pública [...], deve incluir todos e todas”

Os/as estudantes, em suas narrativas, analisaram o processo seletivo e apontaram os pontos negativos e o que deve melhorar na seleção, pois, mesmo passando por uma etapa



burocrática que o Edital exige, ainda prevalecem, segundo dizem, as indicações feitas pelo/a professor/a orientador/a. Outro fator mencionado foi o currículo Lattes, os bolsistas fazem uma crítica a esse respeito, visto que os/as estudantes de semestres iniciais ainda não possuem um currículo que contemple as exigências e o/a torne monitor/a.

E, assim, diante do exposto, concluímos que, além das atividades extensionistas ampliarem o conhecimento acerca da área que os/as discentes vão atuar, as bolsas são o maior incentivo para aqueles/as de baixa renda permanecerem no ensino superior. À vista disso, como afirma Marques (2019, p. 10), “a pesquisa aponta a necessidade de se ampliarem as políticas de acesso e permanência no Ensino Superior de forma cada vez mais democrática e equitativa em universidades que sejam públicas, gratuitas e socialmente referenciadas”.

Conclusão

Diante do exposto, concluímos que as indagações provocadas a partir de discursos de reivindicação dos/as estudantes do DEDC XII/UNEB que questionam os lugares ocupados pelos/as pretos/as na Instituição têm como resposta uma predominância de pardos como bolsistas de extensão e isso mostra a distribuição desigual entre os/as próprios/as negros/as em detrimento dos autodeclarados como pretos/as. É importante que tenhamos consciência de que dentro dessa categoria existem diferenças na participação na Universidade. Os/as pretos/as são geralmente, entre os/as negros/as, aqueles/as que estão mais excluídos/as do ensino superior e os/as que participam menos de espaços privilegiados, a exemplo, da extensão.

Apesar dos dados mostrarem a maior presença de negros/as nos projetos de extensão, há desigualdades nessa categoria. Os/as brancos/as ainda é representativa se considerada à participação no conjunto geral da população. Acreditamos que mais estudos sobre a temática são necessários para que novas discussões/proposições sejam realizadas na expectativa de alcançar maior equidade racial.



Referências

- AGUIAR, Samara Gomes; PAES, Valquíria Normanha. **Mulher, mãe, dona de casa, esposa e trabalhadora**: dificuldades e superações para ingressar e permanecer na universidade pública. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, DEDC Campus XII, UNEB, Guanambi, 2018.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2012.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 27, 2012. DOI: 10.14295/remea.v27i0.3193. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193>. Acesso em: 30 nov. 2023
- BOMFIM, Vânia Maria da Silva. **Hierarquias raciais e de gênero e medidas de reparação**: sobre a participação das mulheres negras em cursos superiores no marco das ações afirmativas. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.
- CERQUEIRA, Sonia Maria Freitas de. **Vagas para negros na educação superior**: uma causa de políticas públicas na Universidade do Estado da Bahia. 2009. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Nilma Lino *et al.* **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal, v. 10639, n. 3, p. 39-62, 2005.
- JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Quem quer (pode) ser negro no Brasil?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MARQUES, Tatyane Gomes. **Um pé na roça – outro na universidade**: experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.



MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNIZ, Roberta de Jesus. **Tecituras de vida dos egressos da Educação de Jovens e Adultos no contexto da Universidade do Estado da Bahia – Campus Caetité/BA: dos móveis aos suportes materiais e simbólicos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 57-60, 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 6 nov. 2021.

OSORIO, Guerreiro Rafael. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. *In*: PETRUCCELLI, Luís José; SABOIA, Ana Lúcia (Org.). **Estudos & Análises: informação demográfica e socioeconômica**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

SANTOS, Carlinda Moreira dos. **A mulher negra no ensino superior: trajetórias e desafios**. 2012. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

Recebido: 30.10.2023

Aceito: 05.11.2023

Publicado: 11.12.2023



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 20, p. 215-237, jul./dez. 2023.
DOI: 10.22481/recuesb.v11i20.13875

ISSN 2319-0566